

OLHARES DA(S) INFÂNCIA(S): PESQUISA COM CRIANÇAS¹

Antônio Genivaldo Silva Feitosa²

RESUMO

Discutirei neste artigo, a pesquisa que trata dos modos como as crianças são produzidas e constituídas a partir de suas histórias, lugares, tempos num espaço de abrigo.

Palavras-chaves: Infâncias Abridadas. Casa Abrigo.

INTRODUÇÃO

Este artigo faz emergir narrativas de crianças, na escuta de suas vozes, a partir da minha pesquisa de mestrado intitulada “A Infância Abridada: Impressões das Crianças na Casa Abrigo,” problematizo como as infâncias são produzidas na Casa Abrigo e quais as impressões das crianças que nela vivem com outras crianças, sobre esse espaço de abrigamentos. Pesquisar com as crianças me conduziu a uma pluralidade de vozes, mediante inusitados diálogos, gerados na interação das crianças com outras crianças e das crianças com o pesquisador.

A presente pesquisa procurou interpretar e analisar os modos como as crianças constituem suas impressões sobre o morar na Casa Abrigo. Impressões essas que, no momento de investigá-las, implicou a busca por metodologias e estratégias investigativas, que permitissem conhecer um pouco do “olhar” da infância abridada. Como afirma Sarmiento, “*o olhar das crianças permite revelar fenômenos sociais que o olhar dos adultos deixa na penumbra ou obscurece totalmente*” (1997, p.25).

Nas metodologias que envolvem as crianças da Casa, foi possível encontrar estratégias de aproximação que levassem em conta o envolvimento e a mobilização, a ação individual e coletiva das crianças. Tais pressupostos são apontados por Sarmiento quando afirma que “a

¹ Este artigo faz parte da Dissertação de Mestrado intitulada **Infância Abridada: Impressões da Criança na Casa Abrigo**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Agosto de 2011. Seu autor é diretor da E.M.E.F São João, Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul, Brasil.

² Mestre em Educação PPGEDU/FACED/UFRGS.

dimensão colaborativa da pesquisa e por aqui se exprime o sentido da participação infantil na investigação sobre os mundos sociais e culturais das crianças.”(2007, p.36).

Como instrumento de pesquisa, optei pela perspectiva de uma investigação participativa com crianças, uma vez que me pareceu a opção mais adequada relativamente ao que me propunha a fazer, ou melhor, o acompanhamento das dinâmicas socioculturais das crianças, das suas ações e interações no contexto institucional, a fim de compreender como as suas infâncias são produzidas na Casa Abrigo ou como e quais foram as rotinas de atividades partilhadas no grupo de crianças.

Na perspectiva, referenciada pelos estudos da sociologia da infância, a criança pesquisada é colocada como “confiável e respeitável” naquilo que diz, naquilo que trata sobre os assuntos/atividades discutidos e abordados no processo de participação na investigação. E isso foi também constatado por mim ao investigar com elas e não sobre elas.

Olhando para trás observo que a percepção da Infância, até meados dos anos 1990, tratava das crianças como seres incompletos, sem inteligência, inatos e sem cultura. Nesse contexto, as crianças não eram reconhecidas no seu potencial ativo, sendo interpretadas como não confiáveis e respeitáveis. Muitos estudos sobre a Sociologia da Infância, como nos escritos de Sarmiento (1997), Trevisan (2007), Prout (2004) vão mostrar a grande relevância em levar em consideração a escuta das próprias crianças como ativos e participantes da pesquisa com crianças.

A CASA: O LUGAR ONDE AS CRIANÇAS FORAM ABRIGADAS/ACOLHIDAS

Que lugar é este onde as crianças e adolescentes foram abrigados/acolhidos? A Casa Abrigo está localizada num bairro nobre da cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul – Brasil, num bairro que conhecido pelos luxuosos condomínios e suas belas casas. Fundada em 2003 e, desde então, conveniada com a Secretaria de Assistência Social – SDS da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo.

No momento da pesquisa, a instituição atendia 28 crianças e adolescentes, com faixa etária de 2 a 12 anos, sendo a sua capacidade de 20 atendimentos. As faixas etárias do grupo de crianças pesquisadas foram de 7 a 12 anos. Todos os internos estão em situação de abandono, miséria, de rua, vítimas de violência, da violência sexual (estupro), pais ou



responsáveis detidos (presidiários), incluindo crianças portadoras de necessidades especiais: deficiência mental leve/moderada.

A metodologia proposta na pesquisa priorizou a escuta das crianças para compreender seus modos de ação e interpretação e sentimentos. Mais do que observá-las, pretendi escutar suas vozes. O envolvimento e a participação das crianças nas pesquisas foram pautados pelo respeito pelo grupo pesquisado e pela possibilidade de expressar suas próprias opiniões, visões e habilidades, pois entendo que o respeito à criança está aqui relacionado com os seus direitos.

Para investigar sobre o que pensam sobre a Casa Abrigo, sobre quais as suas impressões da vida na Casa Abrigo, busquei apoio nos trabalhos desenvolvidos por Dornelles (2007), Cunha (2007), Hickmann (2008), Sarmiento (2007), Trevisan (2007), Ramos (2010) e faço uso de suas ferramentas de pesquisa para organizar minha metodologia de trabalho, parto das seguintes questões:

POR QUE PESQUISAR NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS?

A pesquisa me auxiliou a mostrar que as crianças abrigadas têm muito a dizer sobre a cultura societal na qual estão inseridas. Por meio de seus saberes, elas me permitiram conhecer não apenas seus jogos e brincadeiras mas, também, me apresentaram um amplo conhecimento sobre o mundo e as mazelas da sociedade em que vivem.

Os estudos que buscam “dar voz” às crianças ainda são bastante recentes, tendo sido impulsionados pelo campo da Sociologia da Infância no início dos anos 1990. Por isso, acredito eu, foi um longo caminho trilhado, abrindo possibilidades de análise ao longo dessa dissertação.

Algumas questões metodológico-investigativas referentes à pesquisa com crianças me instigou a pensar em instrumentos que exigissem à imaginação e à criatividade que auxiliassem as crianças a trazerem suas impressões do mundo. Para que isso ocorresse organizei o trabalho da seguinte forma:

1ª Atividade: Colagens em caixa de papelão “lugar que as crianças gostariam que tivesse na Casa Abrigo”.

2ª Atividade: “Fotografar o espaço que eles gostam no abrigo”.



3ª Atividade: “Conversas” realizadas em grupo e individualmente, possibilitando discussões sobre os trabalhos por elas desenvolvidos.

Neste artigo apresento os olhares das crianças através da atividade “colagens em caixa de papelão.” As atividades da pesquisa foram realizadas uma vez por semana, por cerca de 80 minutos. As crianças receberam o *Termo de Consentimento Informado da Criança* e mais explicações sobre a pesquisa. Foram ao todo 14 encontros com as crianças (durante 4 meses), totalizando 10 semanas de atividades. Nas outras semanas, conversei em grupo e individualmente sobre as atividades trabalhadas. Realizei também observações-participantes com vista a me aproximar e constituir vínculo com as crianças nos espaços da Casa Abrigo (no pátio, na sala de jogos, sala da TV, etc.). As conversas sobre os trabalhos foram gravadas com gravador de voz, em alguns momentos eles ouviam as suas falas, o que lhes dava grande prazer.

ESPAÇOS PREFERIDOS DAS INFÂNCIAS ABRIGADAS

Escutar o ponto de vista das crianças foi uma forma de vê-los participando da pesquisa. Apresentando uma atitude ativa, manifestando-se através dos seus pensamentos, preferências e desejos, as crianças, espontaneamente, se engajavam muito bem nas atividades e dinâmicas de relações dentro do grupo, num movimento de afirmação de uns frente aos outros.

Trago a seguir algumas narrativas das crianças participantes da pesquisa a partir do que se chamou “lugares da casa”.

Para tratar de dar voz às crianças sobre o “lugar que as crianças gostariam que tivesse na Casa Abrigo,” sugeri uma produção expressiva fazendo uso de caixas e colagens com materiais diversos. Busquei atender aquilo que aponta Sarmiento quando nos ensina acerca da busca de compreender com mais propriedade as questões sobre o processo criativo e imaginário das crianças, deparei-me com as importantes contribuições do autor (2003) quando destaca:

“O imaginário infantil, de acordo com a perspectiva que temos vindo a desenvolver sobre as culturas infantis, corresponde a um elemento nuclear da compreensão e significação do mundo pelas crianças. Com efeito, a imaginação do real é fundacional do seu modo de inteligibilidade. As crianças desenvolvem sua imaginação sistematicamente a partir do que

observam, experimentam, ouvem e interpretam da sua experiência vital, ao mesmo tempo em que as situações que imaginam lhe permitem compreender o que observam, interpretando novas situações e experiências de modo fantasista, até incorporarem como experiência vivida e interpretada” (p.14).

No entanto, há inúmeros argumentos apresentados por estudiosos da infância, sobre a importância da experimentação, imaginação e ludicidade, que podem ser usadas nas pesquisas com crianças retratando a forma que essas encontraram para satisfazer suas vontades e desejos como processo de interpretação, descoberta e criação de suas impressões frente às pedagogias visuais.

Valendo-me dos estudos dos pesquisadores/as como: Mirzoeff (2003), Hernández (2000) e Cunha (2005) sobre a arte na infância, imagens e culturas visuais, observei o quanto os mesmos contribuíram para minhas reflexões acerca da elaboração da atividade com caixas. Colaboraram para o entendimento de como estas vêm “outros lugares” na Casa Abrigo. Cabe aqui ressaltar que o momento de fotografar as caixas foi também imbricado ao entendimento sobre o que elas pensavam e imaginavam ter em “outros espaços” para a Casa Abrigo.

AS CRIANÇAS PLUGADAS: LAN HOUSE: ESPAÇO PARA FALAR NO CHA

(Júnior 12 Anos)

Após a escolha da caixa e dos diversos materiais, as crianças iniciaram a confecção dos seus trabalhos. Ao interagirem com o pesquisador, elas estabeleciam diálogos, negociações com os colegas na escolha dos materiais a serem usados. Assim iniciou-se a conversa com as crianças:

Pesquisador- *Qual outro espaço/lugar que vocês gostariam que tivesse na Casa Abrigo?*

Júnior (12 anos)- *Gostaria que tivesse, aqui, uma sala com computadores. Aqui, os computadores estão estragados.*

Pesquisador- *Sabes usar o computador?*

Júnior- *Sim, onde eu morava tinha uma Lan House e eu ia lá todos os dias. Lá eu usava o Orkut e o MSN.*

Pesquisador- *Você se correspondia com quem no Orkut?*

Júnior- *Com meus amigos, e até com pessoas amigas de meus amigos.*

Pesquisador- *Então o teu trabalho será uma sala com computadores?*

Júnior- Sim, vou fazer uma Lan House com vários computadores (Fig. 6).

Pesquisador- Você tinha computador em casa?

Júnior- Não! Mas próximo de casa eu frequentava uma Lan House todos os dias.

Pesquisador- Esse local cobrava o uso do computador?

Júnior- Não. O dono da Lan House era meu vizinho.

(Diário de campo - 06 de Julho 2010)

Ao basear-me na conversa com o Júnior, deparei-me com o desafio de analisar a infância globalizada da era das tecnologias. Isso me instigou a pensar o quanto as crianças da Casa Abrigo estavam “plugadas” ao mundo digitalizado. Quando me refiro a “plugadas,” isto significa dizer que, em vários momentos nas conversas com as crianças, surgiam questões revelando seus desejos de consumo em possuir um MP3, celulares, computador, Internet, DVDs, videogames, players de música. Nas brincadeiras, jogos e experiência lúdica observados durante a pesquisa, as crianças e adolescentes remetiam a narrativas de suas vivências na rede de conexões com mídias.

Quando Júnior narra o espaço escolhido, faz referências ao seu cotidiano na casa de origem familiar. Isto faz lembrar como os meninos e meninas são capturados pelas pedagogias culturais, emergindo assim uma nova infância “que produz modos e comportamentos, gostos, condutas e certamente, subjetivam as crianças a um determinado modo de ser e viver” (DORNELLES, 2005, p.94).

Cada vez mais crianças e adolescentes vivenciam e participam da constituição da coletividade em ambientes virtuais, apropriando-se da tecnologia digital. Segundo Buckingham (2010), o uso das novas culturas da tecnologia digital na infância ocorre fora da escola e o autor a denomina como *cultura tecnopopular*, ou seja, as crianças usam a mídia digital para seu entretenimento, para jogar *games*, para aprender, para postar fotos, comunicar-se e comprar.

CANCHA DE BOCHA

(Lucas 10 anos)

A partir da pergunta inicial “Qual outro espaço/lugar que as crianças gostariam que houvesse na Casa Abrigo, Lucas faz sua *Cancha* e diz:

Lucas – Meu trabalho é uma Cancha de Bocha. Lembro do lugar onde eu morava. As crianças assistiam ao jogo de bocha. Só os homens poderiam jogar. Eles apostavam no jogo dinheiro e cervejas. As mulheres assistiam ao jogo e tomavam cervejas.

Pesquisador - *Por que crianças não poderiam jogar bocha?*

Lucas- Porque o jogo de bocha é só para adultos e crianças não poderiam jogar. Aqui no Abrigo poderia ter sala de bocha porque a polícia não pega.

Pesquisador- *Como assim?*

Lucas- Onde eu morava a polícia estava sempre passando perto do local do jogo de bocha e as crianças corriam quando o carro de polícia passava.

Pesquisador- *As crianças tinham medo da polícia?*

Lucas- Sim. A polícia não deixava as crianças assistir o jogo porque tinham pessoas bêbadas. Aqui no meu trabalho eu coloquei um homem bêbado. Às vezes no bocha havia briga de homens. Temos medo da polícia porque ela está sempre no bairro e prende as pessoas. (Diário de campo – 06 de julho de 2010)

Foram muitas as questões que o Lucas expressou através do seu trabalho, quando se refere a situações vividas quando morava com a família. A sua fala é constituída pelo repertório cultural que traz de seu convívio junto às outras crianças, onde o brincar era olhar o jogo de bocha³. Mostra-nos como é a “vida da rua,” com suas atividades realizadas diariamente nos bairros das periferias de Novo Hamburgo. Mostra a caracterização da sua cultura local, os traços próprios do contexto onde ele esteve presente por meio de suas narrativas, ao relembrar as experiências de mundo vividas em seu bairro. A partir do que é apontado no relato citado por Lucas, acredito ser importante analisar algumas questões: em primeiro lugar, nas vilas e bairros populares é muito comum encontrar bares e botecos abertos durante a semana, onde há jovens e adultos sentados em bancos em frente a estes espaços, muitos deles não exercem atividades laborais semanais. Lucas, ao trazer fatos acontecidos na sua infância fora do abrigo, coloca questões referentes ao *jogo de bocha* como lugar desejado e preferido na Casa Abrigo.

Em segundo lugar, cabe ressaltar que há um grande entendimento e conhecimento desta criança com a sua cultura local e dela com seu mundo infantil. Nas argumentações de

³ A Bocha é um jogo cuja versão atual consiste em arremessar bochas (bolas) de madeira, metal ou resina sintética em direção a uma pequena bola denominada bolim, balim ou jack, sobre uma cancha, objetivando aproximar-se o máximo possível do “bolim” (pequena bocha). Será considerado vitorioso o jogador ou a equipe que somar o maior número de pontos, pontos esses atribuídos de acordo com a perfeição das jogadas. A Bocha é praticada em uma cancha (ou quadra), que pode ser de terra, de saibro ou material sintético, cercada por bordas de madeira. (Mazo & Rizzuti In: DaCosta, 2005, p. 390).

Lucas, ao justificar a criação de seu trabalho “Sala de Bocha,” foi apresentado o como se constituem e como se comportam os adultos, homens e mulheres, nos lugares sociais que faziam parte de sua cotidianidade. Apresenta esse espaço de convívio no bairro, como um lugar *errado*, fora da ordem, por ser assim reconhecidos como tal; mostra como neste lugar, os que dele fazem parte ou participam desse jogo, são pessoas que vivem fora da *norma*, que se portam inadequadamente, se diferenciam dos outros e passam a ser parte do grupo dos que são considerados de comportamento e posturas sociais *normais*. De certa forma, a norma funciona também como medida comum que permite que cada um pense o seu valor, sua identidade e lugar respectivo no interior da sociedade.

Quando Lucas disse: “homem bêbado,” ele quis claramente retratar sobre as suas histórias de vida. Da mesma forma, as proposições apresentadas por ele, reforçam o não reconhecimento do sujeito “bêbado” e das “mulheres que tomam cervejas.” Isto é, as culturas das pessoas que moram nas vilas e bairros de periferia são inscritas pela anormalidade e pela exclusão social.

Em outras palavras, ensina-nos Foucault (2001), que a noção de normalidade atravessa os discursos das políticas de inclusão e das pedagogias especiais. Ao discutir o conceito de anormalidade, entendo como a anormalidade é construída, como o outro é narrado e representado pelo discurso do colonizador em uma rede de saberes e poderes. A partir deste conceito “normal ou anormal,” se pode observar que Lucas, ao tratar de expressar na atividade com caixas o seu lugar preferido, mostrou-nos seu entendimento de que aquelas pessoas eram “malquistas” pelos demais. Afirma, também, que estas pessoas precisavam ser corrigidas para poderem ter as crianças por perto, ou seja, que as crianças só podem ficar por perto das pessoas de bom comportamento moral, ou ainda, aqueles que não bebem e nem jogam.

Em terceiro lugar, Lucas, dizia: *Às vezes na bocha havia briga de homens*, e também: *Temos medo da polícia porque ela está sempre no bairro e prende as pessoas*. Por suas falas, a briga de homens e o medo da polícia sustentam a ideia de uma cultura do mundo moderno, em que a violência e a polícia se constituem na ordem do governo de corpos de sujeitos e de vigilância da população, como nos ensina Foucault.

Considerar a voz das crianças nessa pesquisa, não apenas nos seus ditos, mas também nos exercícios realizados através das fotografias. Com elas, crianças e adolescentes puderam criar com outro olhar os lugares para a Casa Abrigo. Isso fez com que eu, pesquisador, conhecesse melhor a multiplicidade de sentidos que elas dão aos seus espaços, aos seus

colegas, às pessoas da Casa, às suas sensibilidades, às suas tristezas e alegrias. Em outras palavras, as linguagens, a ludicidade e as narrativas das crianças me fizeram pensar nas muitas crianças em situação de abrigo e o quanto, por muitas vezes, lhes são negados seus direitos de falar e de serem escutadas, principalmente nas suas relações com os seus cuidadores.

A experiência com crianças abrigadas, principalmente sobre as suas impressões, permitiu-me entendê-las nas suas concepções sobre o espaço que é o da Casa Abrigo. Entender suas relações afetivas e sentimentos, como também, o seu dia a dia de criança ou adolescente aprisionado em um abrigo.

Sem talvez nunca concluir, cabe ressaltar que os olhares das crianças da instituição pesquisada manifesta nas conversas, nas observações, nos seus trabalhos, apresentaram, também, a cumplicidade espontânea entre pesquisador e abrigados que falaram sobre experiências, sentimentos, com muita sensibilidade. É como se cada criança estivesse reinscrevendo suas histórias através de suas impressões sobre a sua nova/velha casa institucional a - Casa Abrigo.

Enfim, vou “fechar provisoriamente” este artigo, considerando tudo que foi dito, a partir do entendimento que Dornelles (2005) denomina sobre as infâncias, pois busquei olhá-las com outros olhos, outras lentes, principalmente com os olhos de criança para:

[...] olhar para estas infâncias, quem sabe, com os olhos cheios de vida que queremos para todas as crianças, porque só as crianças conseguem espelhar a vida no seu olhar. Olhar talvez com os olhos de gato de um dia, um gato, do filme tcheco: olhar as infâncias com óculos dos sonhos infantis. (p.102)

REFERÊNCIAS

BUCHINGHAM, David. Cultura Digital: Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. In: **Revista Educação e Realidade**, v. 35, n.3, p.37-58, set./dez. 2010.

CUNHA, Vieira da Susana Rangel. Pedagogias de Imagens. In: DORNELLES, Leni. **Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2007, p. 113-145.

DORNELLES, Leni Vieira. (Orgs), Apresentação - **Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2007, p.7-17.

_____. **Infâncias que nos Escapam**: da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

HICKMANN, Roseli Inês. **Dos Direitos das Crianças no Currículo Escolar: Miradas sobre Processos de Subjetivação da Infância**, (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2008. 205 f., Porto Alegre, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Trad. Jussara H. Rodrigues, Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MAZO, Janice; RIZZUTI, Elaine. Bocha. In: DACOSTA, Lamartine (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ: Shape, 2005, p. 390-392.

MIRZOEFF, Nicholas. **Uma introducción a la cultura visual**. Barcelona, ESP: Paidós, 2003.

PROUT, Alan. Participação, políticas e as condições da infância em mudança. In: MÜLLER, Fernanda (org.) **Infância em perspectiva: políticas, pesquisa e instituições**. São Paulo, SP: Cortês, p. 36, 2010.

_____. **Reconsiderar a nova sociologia da infância**. Braga, PT: Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança, 2004.

RAMOS, Anne. **Termo de Consentimento do Pré-projeto de pesquisa de Doutorado em Educação**. UFRGS/FACED/ Pós-Graduação em Educação, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas Infantis e Interculturalidade, p.19-40. In: DORNELLES, Leni Vieira. **Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Imaginário e Culturas da Infância**. Braga, PT: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

_____. PINTO, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças: contextos e identidades**. Braga, PT: Editora Bezerra, Centro de Estudos da Criança, 1997.

TREVISAN, Gabriela de Pina **Amor e afectos entre Crianças – A construção social de sentimentos na interação de pares**, p. 40-70. *Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância*/ SARMENTO, Manuel Jacinto [et. al.]; DORNELLES, Leni Vieira (organizadora). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.